

Depoimento de uma pulsão epistemofílica: a necessidade de saber de Alfred Hitchcock

Testimony of an epistemophylic drive: Alfred Hitchcock and his need to know

*Elizabeth S. Palatnik**

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever a pulsão epistemofílica, do modo como ela é apresentada por Freud em *Tres ensayos para una teoría sexual* (1905), e associar a função desta pulsão à produção de Alfred Hitchcock, enquanto diretor e roteirista de cinema. O artigo é construído a partir do relato que a própria pulsão epistemofílica faz sobre ela mesma, na primeira pessoa do singular, como se fosse um relato autobiográfico. Além da descrição da pulsão epistemofílica são apresentadas algumas informações sobre a vida de Alfred Hitchcock.

Palavras-chave: Pulsão epistemofílica, Alfred Hitchcock, sublimação.

Abstract: *The aim of this article is to describe the epistemophylic drive, the way it is presented by Freud in 'Tres ensayos para una teoría sexual' [Three essays on the theory of sexuality] (1905) and associate its function to the work of Alfred Hitchcock as a motion picture director and screenwriter. The article is built since the narration that the very epistemophylic drive makes of itself, in the first person singular, as if it is an autobiographic narration. Besides the description of the epistemophylic drive, the article offers informations on Alfred Hitchcock's life.*

Keywords: *Epistemophylic drive, Alfred Hitchcock, sublimation.*

* Assistente Social, Psicanalista, Associada ao Fórum/CPRJ, Doutora em Saúde Coletiva/IMS-UERJ, Membro da equipe fundadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (NEPAD/UERJ), onde desenvolve trabalho clínico com familiares de dependentes de drogas desde 1986. Autora do livro: "Eu dizia que era ela; ela dizia que era eu": *queixas projetivas na clínica com familiares de dependentes de drogas*. Garamond/Faperj. No prelo (lançamento previsto para o primeiro semestre de 2011).

Introdução

Este artigo tem como tema descrever a pulsão epistemofílica, do modo como ela é apresentada por Freud em *Tres ensayos para una teoría sexual* (FREUD, 1905/1981), e associar a função desta pulsão à produção de Alfred Hitchcock, enquanto diretor e roteirista de cinema. Para isto – como se verá –, o texto é costurado a partir do relato que a própria pulsão epistemofílica faz sobre ela mesma, na primeira pessoa do singular, como se fosse um relato autobiográfico. Este tema surgiu porque, há muitos anos, tive a oportunidade de ler no livro, em que François Trauffaut entrevista Alfred Hitchcock (TRAUFFAUT, 2004), um relato que me chamou particularmente a atenção, naquela época, e me fez pensar que os filmes que Hitchcock dirigiu tinham “algo” por trás dos diferentes roteiros. A partir dessa leitura pensei (muito antes de ouvir falar em pulsão) que o suspense e os enigmas a serem desvendados pelos personagens de seus filmes poderiam estar ligados à sexualidade, de alguma forma, a um não-saber sobre a reprodução. Ao olhar para este tema, sob esta perspectiva, pode-se dizer que a ignorância sobre como nascem os bebês, como se verá neste artigo, não seria em vão na vida de Hitchcock. Penso que os efeitos disso foram maravilhosos para o público que admira seus filmes.

Este artigo foi feito, originalmente, como trabalho final do Módulo Freudiano “Teoria Pulsional”, ministrado pela professora Beth Müller no primeiro semestre de 2009, no âmbito do Fórum de Formação Permanente do CPRJ. O leitor poderá pensar que seria interessante ou necessário ampliar este texto em função da vasta literatura existente, tanto no relativo ao tema da pulsão quanto ao da obra de Alfred Hitchcock. Se assim fosse feito, seria possível aprofundar este artigo ou construir outros, com perspectivas e/ou objetivos diferentes. Mas, nesta publicação, optei por manter o texto original, com algumas modificações, o que não impede o aprofundamento dos temas apontados em trabalhos futuros.

Assim, além do que já foi apontado neste pequeno artigo, o leitor encontrará algumas informações sobre a vida de Alfred Hitchcock, obtidas em literatura relativa a sua vida. Não se pretende, aqui, esgotar este assunto biográfico ou apresentar tese definitiva sobre a vida de Hitchcock. Trata-se, apenas, de uma tentativa de embasar uma impressão surgida há muitos anos, aproveitando, para isto, os ensinamentos freudianos.

No item “O contexto” serão apresentadas algumas características da pulsão, de modo geral, também do modo como é descrita em *Tres ensayos para una teoría sexual* (FREUD, 1905/1981), no sentido de facilitar a inserção, poste-

riormente, da pulsão epistemofílica e suas características. No item seguinte (“O depoimento”) é desenvolvido o tema deste artigo.

O contexto

Em *Tres ensayos para una teoría sexual* (FREUD, 1905/1981) Freud desmistifica a crença vigente, até então, sobre a não, existência da sexualidade infantil e dilui a diferenciação rigorosa estabelecida entre o que era considerado normal e patológico. A sexualidade, então, deixa de ser na perspectiva psicanalítica algo que eclode somente na puberdade, que teria como fim “normal” apenas a reprodução biológica e, então, como atração, também “normal”, a que ocorre entre os sexos opostos.

Nesse artigo fica clara a diferenciação entre instinto (*Instinkt*) e pulsão (*Trieb*). O instinto é uma energia essencialmente vinculada ao corpo biológico, é movido pela necessidade puramente orgânica e tem como alvo objetos específicos e pré-determinados. Já a pulsão é um conceito sobre a energia que se situa entre o psíquico e o somático, é movida ou impulsionada pela marca psíquica deixada pela primeira experiência de satisfação e seus objetos não são previamente determinados, sendo dos mais variados tipos e qualidades.

Ao abordar certas “anormalidades” sexuais, Freud conclui que

Se nos indica así la necesidad de disociar hasta cierto punto en nuestras reflexiones el instinto y el objeto. Probablemente, el instinto sexual es un principio independiente de su objeto, y no debe su origen a las excitaciones emanadas de los atractivos del mismo. (FREUD, 1905/1981, p. 1179)¹.

apontando com isto a diversidade de objetos possíveis da descarga pulsional e que à escolha do objeto da pulsão não pode ser atribuída característica patológica: nem o objeto nem o objetivo ou fim da pulsão definem patologias, apenas mostrando a necessidade de alívio da tensão psíquica. Freud abre uma exceção com relação a isto, quando se refere ao fetiche. Se o fetiche, enquanto objeto da pulsão, “*se fija (...) y se coloca en lugar del fin normal o cuando el fetiche se separa de la persona determinada y deviene por sí mismo único fin sexual*”, então, deve ser considerado um caso patológico de escolha objetual (FREUD, 1905/1981, p. 1183).

¹ A tradução da obra freudiana, utilizada neste artigo, traduz *Trieb* por instinto. Deve ficar claro, porém, que o autor está se referindo à pulsão.

O conceito de pulsão constitui-se numa das questões mais profundas do conhecimento da Psicanálise. Profunda e misteriosa, ao mesmo tempo, já que é um dos conceitos mais difíceis de definir ou, talvez, de apreender. Por sua vez, a pulsão sexual é “modelo da pulsão em geral, talvez modelo e exemplar único, já que podemos perguntar se Freud em algum momento conseguiu caracterizar a pulsão como sendo não-sexual” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 96).

Freud define objeto sexual àquilo de onde emana a atração e objetivo ou fim sexual ao “*acto hacia el cual impulsa el instinto*” (FREUD, 1905/1981, p. 1172). Como o objeto da pulsão não é pré-definido, não se pode falar de objetos “errados”, desviantes, patológicos. Com isto Freud elabora sua crítica à visão que se tinha até então de diferentes perversões, na medida em que era o alvo do, até então, ‘instinto’ que determinava a patologia. Com a sua nova abordagem sobre esta questão, não se poderia falar na existência de objetos desviantes.

O objeto da pulsão apresenta uma variedade que torna praticamente impossível definir, apenas em função dele, o que seria uma perversão e, mesmo que tomemos como referencial o objetivo em lugar do objeto, a caracterização das condutas desviantes permanece imprecisa (GARCIA-ROZA, 2001, p. 97).

A pulsão sexual infantil se move no sentido de operar uma satisfação. Esta satisfação já foi experimentada antes e há, sempre, necessidade de reviver esta experiência. Ou seja, a primeira experiência de satisfação deixou uma marca psíquica, que será continuamente “recarregada”: a necessidade de satisfação nunca cessa completamente.

El estado de necesidad que exige el retorno de la satisfacción se revela en dos formas distintas: por una peculiar sensación de tensión, que tiene más bien un carácter displaciente, y por un estímulo o prurito, centralmente condicionado y proyectado en la zona erógena periférica. (FREUD, 1905/1981, p. 1201-1202).

O depoimento

Vou me apresentar: eu sou a pulsão epistemofílica. Sou – como toda pulsão – um dos conceitos-limite entre o psíquico e o somático (FREUD, 1905/1981). É isso aí, entre o psíquico e o somático, mesmo que isto seja difícil de compreender, de apreender. No meu caso específico, circulo entre o psíquico e o somático de uma pessoa determinada: Alfred Hitchcock. Mas, na realidade, tanto faz se sou a energia psíquica de Alfred ou de outro sujeito qualquer: sou

análoga em todos os seres humanos. A questão é que há algo de mim que pode ser utilizado para explicar, compreender ou, até, dar sentido ao suspense que caracteriza os filmes de Alfred. Mas, convenhamos, esta história que vou contar e minha própria descrição podem parecer certa “forção de barra”. Afinal, por um lado, embora a teoria das pulsões seja “*la parte más importante de la teoría psicoanalítica*”, é “*también la más incompleta*”, e, muitas vezes, difícil de entender (FREUD, 1905/1981, p. 1191, nota de rodapé 660). Por isso, tudo o que vou narrar aqui pode parecer – e é – uma ficção. Mas, de fato, isso nem é tão problemático agora: afinal, alguém já disse que a pulsão é uma das melhores ficções da teoria psicanalítica...

Então, combinemos assim: este relato ficcional, que aqui apresento, imita o que muitos consideram de mim e de todas as pulsões. Ou seja, trata-se de uma ficção, com todos os riscos que uma ficção comporta. Risco de parecer fantasioso demais, de exagerar em algumas conclusões, de criar expectativas que não serão atendidas. Mas, enfim, foi assim que enxerguei a melhor forma de falar de mim. Alfred é só uma desculpa, uma brincadeira que me serve para tornar mais possível ou mais amena a minha manifestação, a minha expressão, o que facilita a sublimação em final de semana ensolarado, com noite de lua cheia, quando a primavera chama pra ir pra rua e aliviar a tensão de outra forma... talvez com pulsão parcial? Alívio oral? Tomar ‘uns *chopps*’ com os amigos por aí? Também seria isso tudo uma certa sublimação, mas bem mais aceita por todos de modo geral. (Agora entendo por que dizem que “só é possível filosofar em alemão”! Também, com aquele inverno!). Bem, o dever chama, a sublimação urge, a vontade de saber aparece e é totalmente necessária para que esta narrativa tome forma. Mas, não é que a minha manifestação, a minha participação na vida humana é também prazerosa? É sim, embora nem todos os sujeitos entendam que aquilo, ao que o indivíduo abdica, quando eu (pulsão epistemofílica) apareço em cena, não diminuí o prazer durante a atividade que eu impulsiono e que se expressa pelo resultado que deriva de mim. Comigo, a satisfação é garantida. Bendito é o fruto da vontade de saber, curioso alívio de tensão, artigo escrito, descobertas interessantes. Enfim, a praia, os amigos e todo o resto... podem ficar para depois na vida deste sujeito que escreve sobre mim. Meu negócio, hoje, é aliviar a tensão psíquica que se manifesta graças à sublimação e, então, construir um saber.

Pareceu-me uma brincadeira interessante falar de mim e do suspense dos filmes de Alfred, em quem, como já contei acima, tornei-me conceito entre o psíquico e o somático. Entenda-se: eu circulo por aqui (entre o psiquismo e o soma de Alfred) desde tempos remotos. A pulsão sexual prova que a sexualidade

infantil existe. Ela só não é fácil de ser lembrada, mas está aí, pulsando, oculta em lugar remoto. Ficou esquecida, verdadeira amnésia infantil atuou sobre a existência dela. Mas, qual é? A sexualidade infantil é um fato graças a Freud e a pulsão sexual, tanto quanto as parciais e eu mesma, estamos aí, circulando o tempo todo, querendo aliviar a tensão do aparelho psíquico, buscando satisfação.

Assim como para todos os sujeitos, Alfred também não esqueceu completamente a sua sexualidade infantil. Ela, que foi recalçada, certamente deixou marcas profundas na sua vida psíquica e determinou, em alguma medida, seu desenvolvimento posterior. A pulsão sexual recalçada de Alfred passou por um processo que modificou sua finalidade. Ou seja, o objeto mudou. E é aqui que posso falar mais especificamente de mim. Eu, a pulsão epistemofílica, sou fruto da sublimação da pulsão sexual. Assim, mesmo que o coito não se realize, a energia não desaparece, já que o alívio da tensão do psiquismo tem que ocorrer. Essa energia apenas muda de direção e me dá certa realidade: meu negócio agora é buscar satisfação através da necessidade de saber. E de um saber que está ligado à origem do indivíduo.

Assim, eu entrei em atividade quando a vida sexual de Alfred começava a florescer, dentro dos limites de uma vida sexual infantil, claro. Isso foi lá pelos três a cinco anos de idade. Quando falo dos limites da vida sexual infantil de Alfred, me refiro ao fato de que ele (como qualquer criança dessa idade) não sabia nada sobre procriação; então, a cada questão - que ele se colocava, é bem possível que tenha criado algumas teorias para responder. Mas, claro, devem ter sido teorias quase bizarras, meio míticas, que não se sustentavam bem e que, com o passar do tempo, foram esquecidas, recalçadas.

Além de pulsão epistemofílica, vocês podem me chamar de pulsão de investigação ou de saber, tanto faz (*Wissenstrieb*). Mas, vocês não podem me considerar tão análoga assim a qualquer outra pulsão, porque eu não me incluo “entre los componentes instintivos elementares” nem estou apenas sob o “dominio de la sexualidad” (FREUD, 1905/1981, p. 1207). Como já contei, eu existo graças a uma “aprehensión sublimada” e me aproveito do prazer de contemplação para circular (tudo a ver com cinema, não é? Olho que vê, imagem que reproduz...) ou, existir, talvez (FREUD, 1905/1981, p. 1207). Mas, convenhamos, minha relação com a vida sexual é muito importante, porque – “Freud explica” – eu fui atraída ou deflagrada por problemas sexuais que surgem muito cedo e com muita intensidade na vida de qualquer criança. Com Alfred não podia ser diferente.

Vai ver, é por conta dessas diferenças entre as outras pulsões e eu, que nem Laplanche e Pontalis (1983) nem Chemama (1995) fizeram um verbete especí-

fico sobre mim. Curioso, né? Laplanche e Pontalis (1983) têm verbetes sobre todas as outras pulsões (pulsão agressiva, pulsão destrutiva, pulsão de dominação, pulsão parcial, pulsão sexual, pulsão de autoconservação, pulsões do ego, pulsões de morte, pulsões de vida), além de um específico sobre a pulsão de modo geral, mas não sobre mim. No verbete ‘sublimação’ estes autores falam da mudança de alvo da pulsão sexual e apontam que a atividade sublimada é a artística e, também, a relativa à “investigação intelectual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 638). Chemama (1995) também fala, no verbete sobre a sublimação, da mudança de alvo de um sexual para um não-sexual e de como a satisfação da pulsão permanece apesar disto. E diz que, mesmo tendo mudado o alvo e não aparentando ter - as atividades sublimadas - nenhuma relação com o sexual, essas atividades “têm uma fonte sexual” e são “impulsionadas pela energia da pulsão sexual” (CHEMAMA, 1995, p. 207). Então, criatividade tem tudo a ver com o sexual. E isto se explica porque a pulsão sexual tem uma certa plasticidade e, por isso, o objetivo pode mudar, o objeto pode ser substituído “sem perder por isso o essencial de sua intensidade. Assim, por exemplo, é a transformação em desejo de saber e em investigação intelectual da curiosidade sexual infantil” (CHEMAMA, 1995, p. 207). Finalmente! Alguém falou de mim! Mas, que coisa! Meu nome mesmo ninguém fala! Chemama (1995) continua o que citei acima, assim: “Freud fala de pulsão sublimada para explicar essa transformação operada segundo as vias do processo de sublimação” (CHEMAMA, 1995, p. 207). Viram? Nada de “pulsão epistemofílica”. Virei pulsão sublimada e nada mais. Vá entender... Que ingratidão, não é? Afinal, é graças a minha atividade que eles escreveram tudo o que escreveram. O mínimo que eu merecia era um verbete, mesmo que pequeno...

Bem, pelo menos fica claro que eu e sublimação temos tudo a ver. Na verdade, eu, sem a sublimação, não sou nada. E eu com a vida sexual também temos uma ligação muito estreita: eu fui despertada e atraída pelos problemas sexuais desde que Alfred era bem novinho. E tudo isto com muita intensidade.

Sei não, acho que a intensidade de minha atividade tomou uma proporção considerável nos anos seguintes da vida de Alfred. Ou melhor, na vida futura dele. Não foi tanto por curiosidade teórica que eu entrei em atividade e, sim, mais por “*intereses prácticos*” (FREUD, 1905/1981, p. 1207). Freud diz que é, muitas vezes, quando a criança pequena suspeita que vai ter um irmão, que eu – a pulsão epistemofílica – começo a agir. Pode ser que isso tenha acontecido com o Alfred, não tenho certeza. Mas, vamos fazer de conta que sim, que ele achou que não seria mais o çacula, o temporão. Assim teria se criado o primeiro suspense da vida de Alfred, o primeiro enigma. Daí, ele deve ter se pergun-

tado: como é isso? O que eu vou perder quando chegar meu irmãozinho? Minha mãe vai me cuidar e me amar da mesma forma que até agora? Como nascem as crianças? Como nasci eu? De onde eu vim?

Então, ele ficou com medo e curiosidade, pensativo sobre tudo isso e, aí, começou a pesquisar, a querer saber, a tentar resolver esse mistério. Muito suspense até chegar lá, muitos ires e vires, muitas incertezas. Havia que resolver um verdadeiro e profundo enigma. O suspense se instalou e chegar lá, traduzir o enigmático a algo claro, não foi fácil. Medo, mistério e enigma. Suspense e muita sublimação.

O interesse e a curiosidade pelo tema eram muito intensos e podem ter dado, como resultado, a construção de teorias bastante descabidas, como já falei, se comparadas com a explicação que os cientistas, em plena sublimação, deram sobre a reprodução. Mas, é que Alfred era pequeno e a sua investigação se deparou com muitos limites. Não sei se ele chegou a ver seus pais se relacionando sexualmente. Mas, caso isto tenha ocorrido, deve ter gerado mais curiosidade: certamente, ele quis entender o que era aquela cena (será que ele viu escondido atrás de uma janela indiscreta?). Afinal, essa cena deve ter-lhe parecido algo próximo a um maltratando o outro; um, dominador, outro, dominado. O que essa cena “sádica” teria a ver com a expulsão de urina e excrementos...? Mais suspense, mais investigação.

Bem, como falei, para um menino tão pequeno, os limites para desvendar sua própria origem são enormes. Ele não tinha como saber sobre o papel do pai na sua fecundação, nem sobre “*el papel fecundante del semen y la existencia del orificio vaginal*” (FREUD, 1905/1981, p. 1209). Aí, ele foi aos poucos deixando de lado a sua investigação, já que não tinha resposta convincente, ou seja, meio que desanimou com o assunto, porque a sua investigação fracassou. Mas, tudo isto serviu para ele se tornar um pouco mais independente, porque a sua curiosidade e a tentativa de saber sobre ele mesmo foi algo que ele viveu sozinho, silenciosamente. Ah!, também serviu para outras coisas, que tem a ver com o amor pelos pais, o famoso e primeiro triângulo amoroso, que “desaba”, naufraga quando se deixa de lado essa primeira investigação infantil.

Como eu ia dizendo, desde que Alfred nasceu – assim como qualquer bebê – os impulsos sexuais estão aí. Claro que eles podem ser reprimidos com o tempo, mas, que fique bem claro: com três ou quatro anos de idade a sexualidade infantil aparece de forma muito evidente na vida de Alfred. O que ocorreu é que a pulsão sexual infantil nem sempre é tão evidente assim: muitas coisas podem se opor a ela. A moral, a educação e, também, a herança (ou seja, algo interno ao sujeito) podem deter ou inibir a pulsão sexual. Convenhamos

que, na infância de Alfred, muita coisa externa pode ter contribuído para recalcar essa pulsão. Afinal, o que se conta por aí é que ele foi criado por família católica, de extremo rigor, e educado em colégios católicos, também muito rigorosos em disciplina e moral (IMDB, 2009).

Aliás, ele mesmo conta algo disso. “Desde muito moço”, foi interno em uma escola jesuíta e ele mesmo acredita, que foi durante essa experiência que

o medo se fortaleceu dentro de mim. Medo moral, de ser associado a tudo o que é mau. Sempre me mantive afastado do que era mau. Por quê? Por medo físico, talvez. Tinha horror aos castigos corporais. Naquela época havia a palmatória (...). Não batiam de qualquer jeito, não, era como a execução de uma sentença. Mandavam você ir ver um padre no final do dia. Esse padre escrevia solenemente o seu nome num registro, com a menção do castigo a ser infligido, e você passava o dia inteiro nessa expectativa (TRUFFAUT, 2004, p. 33).

Quanto sofrimento, não é? A espera angustiante do desfecho e, no final, a palmatória. Espera angustiante do desfecho? Parece coisa de filme de Hitchcock...

Bem, continuando. Truffaut (2004) pergunta a Alfred se o pai dele era muito severo, já que uma vez, quando tinha entre quatro e cinco anos, mandou-o com uma carta à delegacia. “O delegado leu e me trancou numa cela por cinco ou dez minutos, dizendo: ‘É isso que se faz com os garotinhos levados’” (TRUFFAUT, 2004, p. 33). Mesmo com estes “antecedentes”, Alfred não considerava seu pai “muito severo”, como disse a Truffaut, e sim “um grande ansioso” (TRUFFAUT, 2004, p. 33). Alfred se descreve de um modo que dá para concluir que era, no mínimo, tímido: ficava num canto da sala com toda a família reunida, todos conversando, e ele recolhido ali, silencioso, observando muito. “Era o oposto do expansivo. Muito solitário também. Não me lembro de ter tido nenhum companheiro de brincadeiras. Divertia-me sozinho e inventava minhas brincadeiras” (TRUFFAUT, 2004, p. 33). Por isso, ele próprio diz: “realmente não consigo imaginar o que pude ter feito”, referindo-se ao fato de ter ido parar na delegacia (TRUFFAUT, 2004, p. 33). E ainda acha que o pai não era severo!

Ainda criança dizia que seria engenheiro. Daí que os pais o matricularam em cursos que o preparariam para essa profissão, estudando mecânica, acústica etc., etc., etc. Aí Truffaut lhe pergunta se “a partir de tudo isso pode-se supor

que sua curiosidade era essencialmente científica. - Sem dúvida”, responde Alfred. Pois é, eu já estava circulando consideravelmente, não é?

Teve uma educação rígida na infância, dentro e fora de casa. Conheceu de perto os rigores do catolicismo inglês e o temor dos castigos. Seu maior medo era escolher o horário para a punição, naturalmente todos os meninos da escola procuravam um jeito de adiar a escolha do horário em que seriam punidos pelos pais; essa sensação de espera e expectativa, agrava psicologicamente a condenação prometida, o que gerava maior ansiedade. Hitchcock afirma que não era a palmatória propriamente dita que sugeria o medo e sim a ansiedade até o fato consumado. Podemos associar esse fato com seus filmes, onde Hitchcock adiava a punição e a revelação do verdadeiro culpado para o final do filme, aumentando cada vez mais a ansiedade, dessa vez do espectador. (PALOMO; GUEDES DA CUNHA; MARIANO, 2008, p. 2).

Quando ele cresceu e se tornou adulto, parece que algo disso, dessa curiosidade, voltou. É graças a mim que se constrói o saber que é sexual (aliás, todo saber é sexual); a arte, a ciência, enfim, atividades diferentes surgem e se materializam quando se aciona a minha atividade. Aí, eu circulo cada vez mais. Parece que com Alfred não foi diferente. Ele foi crescendo, interessando-se por cinema, até começar a trabalhar nisso, mas ainda não como diretor, e sim desenhando legendas de filmes mudos da época, depois fazendo roteiros e também edição, cenografia e foi até assistente de direção. Ainda jovem, por exemplo, ele mesmo conta que tinha conhecimento profundo “da superioridade da fotografia dos filmes americanos em relação à dos filmes ingleses. Aos dezoito anos já havia estudado isso, por puro prazer” (TRUFFAUT, 2004, p. 39).

Às vezes me dá a impressão que o suspense de seus filmes tem a ver comigo, com a necessidade dele de resolver “aquele” enigma. Por que penso isso? É que Alfred conta como foi o primeiro dia da filmagem de sua primeira direção do filme *The pleasure garden*. É um relato engraçado, mas como é um pouco longo, vou resumir. Ele conta que estava em Munique e iam pegar o trem para a Itália, onde seriam filmadas cenas externas. Ele estava acompanhado de poucas pessoas, entre as quais Alma, sua futura esposa, e

a moça que devia fazer a nativa e cair na água (...). A segunda cena que tenho que filmar é em San Remo. É com a moça nativa,

que vai se suicidar, e Levett, o vilão da história, precisa entrar no mar, manter a cabeça da moça debaixo d'água, ter certeza de que ela morreu, trazer seu corpo para a praia e dizer: 'Fiz o possível para salvá-la' (TRUFFAUT, 2004, p. 41).

Aí, ainda na estação de trem, Alma tem que ir para outro lugar para recepcionar a atriz principal do filme, o ator percebe que esqueceu uma mala com a maquiagem no táxi, e vai embora correndo para ver se a recupera, o trem atrasa, entre outras situações imprevistas. Enfim, uma série de confusões ocorre, contada por Alfred como se fosse um roteiro de suspense e humor. Também a câmera e os rolos de filmes são confiscados na alfândega, ele fica sem dinheiro para comprar mais filme, mas acaba se virando e começam a filmar, finalmente, em San Remo. E, no final do relato do Alfred, aparece a pontinha do fio condutor que fez com que eu resolvesse narrar esta história. Se não acreditam, vejam só:

Depois do almoço vou até a calçada e lá estão meu câmera Ventimiglia, a moça alemã, que deve fazer a nativa que se joga na água, e o cinegrafista das atualidades, que acabou seu trabalho e deve voltar para Munique.

Ali estão os três, de cabeças juntas, numa conversa muito solemne! Então me aproximo e pergunto: 'Tem algo errado?'. 'Tem, a moça, ela não pode entrar na água.' 'O que você quer dizer com: 'ela não pode entrar na água?' 'Ela *não pode* entrar na água, não está entendendo?'

Insisto, e digo: 'Não, não entendo, o que quer dizer?'. E ali na calçada, os dois câmeras são obrigados a me explicar o que é período de menstruação etc. Nunca em minha vida tinha ouvido falar nisso. Então, com as pessoas passando na nossa frente, dão-me todos os detalhes, ouço atentamente e, quando me contaram tudo, continuo aborrecido, furioso ao pensar em todo o dinheiro que desperdicei, as liras, os marcos, para trazer essa moça conosco. Muito zangado, pergunto: 'Por que ela não disse isso em Munique, há três dias?'. (TRUFFAUT, 2004, p. 42-43).

Ora, Alfred não sabia nadinha de menstruação! Então, ele não sabia nadinha de reprodução, de como nascem os bebês! De como nasceu ele mesmo! Que coisa! É a minha vez de entrar em ação! Devo ajudar esse moço talentoso

a descobrir o que há por trás do conto da cegonha! A satisfação, agora, é por minha conta...

Mas, antes de continuar com as minhas suspeitas, vale a pena ler o finalzinho desta parte da história. Não tanto porque tenha a ver comigo, mas porque é engraçado e o leitor merece:

Nós a mandamos de volta junto com o cinegrafista e partimos para Alassio. Encontramos outra moça mas, como é um pouco mais gorda do que a nossa alemã ‘incomodada’, meu ator não consegue carregá-la no colo; sempre a deixa cair no chão. Há uns cem curiosos que rolam de rir. Quando finalmente consegue trazê-la, eis que uma velhinha que catava conchas atravessa o campo olhando para a câmera bem de frente!” (TRUFFAUT, 2004, p. 43).

Bem, voltando ao que nos interessa aqui, como já disse, eu já suspeitava que tanto filme de suspense tinha algo por trás. Parece que aí tem coisa. E tem mesmo. Posso afirmar isto com fatos da vida do Alfred, antes desse filme da moça que tem que mergulhar e não pode por conta “daquilo”.

Contando sobre outro filme que dirigiu antes desse, mas que não foi concluído, Alfred conta uma coisa que é bem interessante para nós aqui, neste artigo: “Como estava lhe dizendo, eu tinha 23 anos e nunca havia saído com uma moça. Nunca havia tomado um copo de bebida” (TRUFFAUT, 2004, p. 36). Ou seja, era virgem, ainda com 23 anos... Foi quando tinha 26 anos de idade que o convidaram a dirigir *The pleasure garden*, que é considerada a primeira direção de Alfred. Aí, ele conta que sua futura esposa, Alma, foi sua assistente de realização. “Ainda não estávamos casados mas não vivíamos em pecado, éramos muito puros”. Que conste: não eram casados, mas ficaram noivos um ano antes e, ainda com 26 anos, continuava virgem...

Conta-se também que quando tinha 27 anos se casou com Alma e “a única filha do casal, Patrícia, nasceu em 7 de julho de 1928, da primeira e talvez única relação sexual do casal. Lenda ou não, conta-se que, durante a gravidez, Hitchcock não conseguia olhar para Alma que seria sua companheira durante 53 anos” (PALOMO; GUEDES DA CUNHA; MARIANO, 2008, p. 3).

É, tudo isto é meio inacreditável, não é? Mas, são histórias que ele mesmo conta, pelo menos, a maioria. Então, por que não acreditar? De qualquer forma, é bom lembrar o que falei bem acima: eu sou uma ficção e este relato também o é. A vida de Alfred é só uma desculpa (lembram?) para falar de mim

mesma. Tudo ficção, mas espero que tenha conseguido mostrar como sou. Por este caminho, aceitando esta proposta de relato ficcional, dá pra pensar que o suspense dos filmes de Alfred são como roteiros para desvendar um outro mistério, que está por trás daquele que é o tema de cada filme dele (quem foi o assassino? Por que seqüestraram meu filho? O que acontece, mesmo, no prédio em frente ao meu?). Outro mistério, talvez o grande mistério da vida. O grande e verdadeiro enigma, aquele que move a curiosidade não somente infantil: saber como nascem os bebês. Algo muitas vezes tão difícil de explicar para uma criança pequena, principalmente, talvez, na época em que o Alfred era criança. Ele ficou sozinho com essa questão. E, por sorte para todos os outros indivíduos, ele traduziu isso em imagens, em roteiros maravilhosos que prendem a nossa atenção. E, que curioso, prendem a nossa atenção também para ver se o público consegue identificar onde aparece o próprio Alfred nos filmes. A sua aparição fugaz, que nada tem a ver com a história filmada e que não ocorre em todos os seus filmes, cria um outro suspense, outro mistério. Não é fácil chegar lá e enxergar o Alfred em cenas rápidas. Mas, alguns felizardos conseguem realizar essa façanha. Pensando bem, dá a impressão que o Alfred, ao aparecer assim tão misteriosamente, tão enigmaticamente, como quem não quer nada, se parece com ‘como surgem as crianças’ na vida de outra criança que não sabe nada de reprodução: de repente, ele (o bebê na família ou Alfred no filme), está lá, se materializa, é real. Nasceu. Mas, convenhamos, é um “de repente” não tão de repente assim. O enigma algum dia é desvendado e todas as perguntas têm respostas: quem sequestrou, quem matou, o que ocorreu lá em frente, o que o sêmen ou o orifício vaginal têm de importante na minha origem...

Enfim, graças ao cinema, Alfred soube o que era menstruação e reprodução e, graças ao seu desconhecimento sobre a menstruação e a reprodução, temos o cinema de Alfred. Meio ousado isto que disse agora, mas, não esqueçam, tudo isto é uma ficção e eu topei os riscos que a ficção me coloca. Afinal, eu mesma sou uma incrível ficção.

Agora me despeço de vocês. Acho que já ficou claro quem e como sou e o que tenho a ver na produção cinematográfica de Alfred. Era só isso, agora já aliviei a tensão que me corresponde. É a vez de outras pulsões entrarem em ação.

E para terminar...

Muito mais se pode falar sobre a pulsão, de modo geral, e da vida de Alfred Hitchcock e a pulsão epistemofílica, de modo particular. Mas, deve lem-

brar-se que o objetivo, aqui, foi circunscrever este texto ao tema da pulsão epistemofílica em Hitchcock. Por isso, o resto ficará, talvez, para outros artigos. Se até Freud reconheceu que “a teoria das pulsões é a questão mais importante, mas também a menos acabada da doutrina psicanalítica”, não há de ser tão grave que este artigo tenha pontos passíveis de aprofundamento (CHEMAMA, 1995, p. 178).

Neste, como já foi dito, a intenção era apenas introduzir a questão da pulsão epistemofílica, usando como “desculpa” aquele trecho relatado pelo próprio Hitchcock, onde consta seu total desconhecimento sobre reprodução biológica.

Continuar este artigo, agora, exigiria mais sublimação de quem escreve. Seria interessante e gratificante, provavelmente. Mas, neste momento, outras pulsões e satisfações chamam. Final de semana ensolarado, lua cheia à noite... Enfim... é também de pulsão que se trata. Aliás, o quê na vida humana não se trata da pulsão?

Tramitação

Recebido em 9/07/2010

Aprovado em 13/08/2010

Elizabeth S. Palatnik

e-mail: bethpalat@globo.com

Referências

MÜLLER, Beth. *Teoria pulsional*. Rio de Janeiro: CPRJ, 1º semestre de 2009. Notas de aula. Módulo freudiano.

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

IMDB-THE INTERNET MOVIE DATABASE. *Alfred Hitchcock*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0000033>>. Acesso em: 04 out. 2009.

FREUD, Sigmund. (1905). Tres ensayos para una teoría sexual. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 1172-1237. (Obras completas, v. 2).

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TRAUFFAUT, François. *Hitchcock/Truffaut: entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PALOMO, Priscila; GUEDES DA CUNHA, Talita; MARIANO, Viviane Cristina. *Aspectos psicológicos de Alfred Hitchcock: estudo biográfico*. 2008. Disponível em: <http://fmu.br/site/graduacao/psicologia/arquivos/txt2008_hitchcock.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2009.